

**Dossiê: “Território, desejo e erotismo:
cenas da vida sexual e libidinal no contexto brasileiro”**

Virilidade e temperança: sexo, desejo e moralidade entre marombeiros de rua

Lucas Maroto Moreira

Universidade Federal da Bahia

moreiras.lucas@g-mail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8009-6107>

RESUMO

O artigo explora relatos emergentes do estudo etnográfico realizado em academias de musculação no espaço público em Salvador, Bahia. Dirigido à sociabilidade masculina, predominantemente heterossexual, juvenil e periférica, o texto investiga como a ausência de mulheres nesses locais é compensada pela intensa presença delas no nível discursivo, em conversas sobre sexualidade, exibição de práticas sexuais e divulgação de comportamentos sexuais esperados. Tais interações verbais, localmente situadas, discutem ainda a relação dos homens com o próprio corpo, com o músculo, com a libido e com o órgão sexual, funcionando como *locus* de interação entre o sujeito e sua corporalidade — que deve ser dominante, viril, mas também controlada e moderada. A análise aborda as tensões entre os conceitos de virilidade e temperança, virtudes que desnudam a moralidade orientada pela disciplina corporal e controle dos apetites, constituídas nesses territórios urbanos de modo a articular desejo e sexualidade às práticas de treinamento *fitness*.

Palavras-chave: Masculinidades; Sexualidade; Moralidade; Práticas Esportivas; Espaço público;

Virility and Temperance: Sex, Desire, and Morality Among Street Bodybuilders

ABSTRACT

The article explores emerging accounts from an ethnographic study conducted in public-space gyms in Salvador, Bahia. Focused on male sociability—predominantly heterosexual, young, and from peripheral areas—the text investigates how the absence of women in these spaces is compensated by their intense presence on a discursive level, through conversations about sexuality, displays of sexual practices, and the promotion of expected sexual behaviors. These locally situated verbal interactions also discuss men's relationship with their own bodies, muscles, libido, and sexual organs, functioning as a locus of interaction between the subject and their corporeality—which must be dominant and virile, yet also controlled and moderated. The analysis addresses the tensions between the concepts of virility and temperance, virtues that reveal a morality shaped by bodily discipline and appetite control, constituted in these urban territories in ways that link desire and sexuality to fitness training practices.

Keywords: Masculinities; Sexuality; Morality; Sports Practices; Public Space

Virilidad y templanza: sexo, deseo y moralidad entre culturistas callejeros

RESUMEN

El artículo explora relatos emergentes del estudio etnográfico realizado en gimnasios de musculación en el espacio público en Salvador, Bahía. Dirigido a la sociabilidad masculina, predominantemente heterosexual, juvenil y periférica, el texto investiga cómo la ausencia de mujeres en estos espacios se compensa con su intensa presencia a nivel discursivo, a través de conversaciones sobre sexualidad, exhibición de prácticas sexuales y difusión de comportamientos sexuales esperados. Estas interacciones verbales, situadas localmente, también discuten la relación de los hombres con su propio cuerpo, con el músculo, con la libido y con el órgano sexual, funcionando como un locus de interacción entre el sujeto y su corporalidad, que debe ser dominante y viril, pero también controlada y moderada. El análisis aborda las tensiones entre los conceptos de virilidad y templanza, virtudes que revelan una moralidad orientada por la disciplina corporal y el control de los apetitos, constituidas en estos territorios urbanos de manera que articulan deseo y sexualidad con las prácticas de entrenamiento fitness.

Palabras clave: Masculinidades; Sexualidad; Moralidad; Prácticas Deportivas; Espacio Público

Introdução

Neste trabalho, apresento narrativas e cenas observadas, entre 2018 e 2020¹, durante trabalho de campo com homens que se dedicam à 'malhação' ou 'maromba' de rua, prática de ginástica voltada à hipertrofia muscular realizada em espaços públicos de Salvador, Bahia. As principais formas pelas quais os frequentadores designam esses espaços incluem "Academia dos Bróder", "Academia do Largo" e "Academia dos Caras", além das expressões "Academia de Quintal" e "Academia do Gueto". A primeira denominação, a mais usual de todas, destaca a ênfase dada pelos frequentadores — conhecidos como "marombeiros", "malhados" ou "calistênicos" — à sociabilidade masculina, elaborada como uma irmandade, uma "parceria". Organizados em agrupamentos exclusivamente masculinos, os espaços podem ser interpretados, nas palavras de David Lipset (2009, p. 66), como "instituições exclusivamente de gênero", onde a masculinidade é performada, agenciada e corporificada em eventos, artefatos, técnicas, estéticas e ambiências. Conforme descritas por esse autor, trata-se de instituições cuja pureza é "comprometida em termos mágico-religiosos e políticos pela presença dos corpos de mulheres" (Lipset, 2009, p. 66). São espaços *homossociais*, definidos por Daniel Welzer-Lang (2004, p. 117), como "o conjunto dos lugares e grupos monossexuados em que as mulheres são excluídas de facto". Na academia de rua, a ausência material de corpos femininos é compensada pela sua presença no nível discursivo, representada em conversas cotidianas ao longo das rotinas de treino físico.

Na miríade de temas e subtemas nos quais as mulheres são objeto de escrutínio, destaca-se o sexo de modo geral, práticas sexuais e formas de flerte, sedução e conquista de modo particular. Os grupos de praticantes de tais modalidades esportivas amadoras abordam esses temas em um gênero conversacional jocoso que denominam "resenha": conversas despreocupadas, nas quais expressam considerações acerca de virtudes ou comportamentos sexuais avaliados quer como excessivos, quer como ponderados, como sinônimo de foco ou de desfoco, enquanto prova de feminilidade ou de virilidade. Essas classificações avaliativas vinculam-se ora à estrutura das relações de gênero e as

¹ Embora a pesquisa tenha sido formalmente realizada entre os anos de 2018 e 2020, no contexto de meu doutoramento (cf. MOREIRA, 2023), meu vínculo com estes interlocutores antecede esse período e se entrelaça ao meu próprio grupo de parentesco. Foi meu irmão mais novo, exímio praticante de musculação e, à época, uma promessa do boxe amador na categoria peso médio, quem me introduziu ao primeiro núcleo de relações. Desde o início, o foco da investigação esteve voltado para o cotidiano dos espaços públicos de treino. Para isso, realizei visitas frequentes, em diferentes turnos e ao longo de muitos meses. Com o tempo, tornei-me também aprendiz das técnicas e práticas locais. Participei de reuniões, comemorações de aniversário, churrascos de fim de ano e competições em academias da região. Fui ainda inserido em três grupos de WhatsApp, no qual se desenvolvia uma sociabilidade cotidiana importante. Todos esses espaços e experiências compõem o substrato da narrativa etnográfica desenvolvida neste trabalho.

expectativas de masculinidade dominantes no meio, ora à moralidade produzida durante as práticas fundamentadas na repetição de atos corporais virtuosos (Marchand, 2008; Mahmood, 2019; Wacquant, 2011; Hudd, 2019), tais como as práticas de ginástica e hipertrofia muscular.

Este artigo aborda os diferentes sentidos, muitas vezes paradoxais entre si, atribuídos ao sexo, à prática sexual e às relações com as mulheres, compartilhados no cotidiano das redes de sociabilidade e amizade tecidas em torno da maromba de rua. Descrevo nele como a sexualidade é vivida por homens identificados como “homens feitos” ou “malhados”, chamando atenção para a importância da hipertrofia muscular e das regras cotidianas do treino físico na construção de suas sexualidades. Buscarei descrever, por um lado, como a prática corporal ginástica funciona como um eixo central na relação consigo mesmos e nas relações sexuais com as mulheres, juntamente com, por outro lado, como o sexo é visto enquanto atividade física que demanda força, resistência, potência e virilidade, para o qual o corpo treinado na ginástica é essencial e, finalmente, descreverei como o sexo e a prática sexual em excesso são percebidos como desgastantes e como uma distração dos objetivos e do modo de vida de um homem “focado no treino”.

Por meio dos dados apresentados a seguir, para além do lugar-comum que associa a masculinidade heterossexual à virilidade, evidencio como o sexo e o desejo desses homens se configuram por meio de tensões, economias e controles, assim como por meio de uma gramática moral baseada no sacrifício, na disciplina e no autocontrole, virtudes fundamentais na incrementação dos músculos. Esse desejo e sua representação pendulam entre a virilidade e a temperança, o excesso e a ascese, noções essas que serão exploradas e articuladas teoricamente no contexto de um campo de estudos, ainda incipiente no Brasil, que conecta dinâmicas de sexualidade a práticas esportivas (Camargo, 2021).

O músculo em público

A “Academia dos Bróder” demanda pouca infraestrutura física. Localizada na lateral de uma praça grande pública, é composta, principalmente, por objetos produzidos de materiais como madeira, ferro, aço, areia e concreto. Costuma encontrar-se exposta às intempéries climáticas, como o sol e a chuva, e à ação dos sujeitos que a ocupam, de variadas formas. Nela, fixam-se os objetos e aparelhos ginásticos que tornam possíveis as práticas corporais — especificamente, as “barras” de ginástica. No meu campo etnográfico, os usuários do espaço realizavam duas modalidades principais de “treino”: a “malhação” ou “maromba de rua” — prática de hipertrofia muscular, realizada com o auxílio de halteres, denominados de “pesos de cimento”² — e a calistenia, *street workout* ou

² Halteres fabricados artesanalmente a partir de concreto moldado, comumente utilizados como alternativa acessível aos equipamentos de academia industrializados.

treino *street* — cujos movimentos, como saltos e movimentos isométricos³ sobre barras de ferro, são extraídos da ginástica olímpica.

Em pesquisas das ciências do esporte (Santos; Gomes, 2020; Morais, 2002; Quitzau, 2014), a calistenia é discutida com base na sistematização pedagógica, formulada ao longo do século XIX⁴, de um método ginástico de treino; a sua etimologia, advinda do grego kallistenés (cujo significado é “cheio de vigor”)⁵, orientou o princípio da preparação física de atletas e não atletas em diversos esportes já em séculos anteriores. Ainda no século XIX (Ribeiro Junior, 1955 *apud* Morais, 2002, p. 17), ela foi definida como um sistema de exercícios físicos destinados a “contrabalançar os efeitos deprimentes da vida moderna das cidades”.

Por sua vez, o termo *Street Workout* emerge nos anos 1980 para se fazer referência a uma versão daquele tipo de método ginástico adaptado aos espaços públicos metropolitanos. Os exercícios clássicos da ginástica, marcados por pulos, saltos e acrobacias, foram sendo modificados e combinados com elementos de outros esportes, sobretudo com o impacto sociológico da *Physical Culture*, do universo do fisiculturismo e do *Fitness* (Sassateli, 2010; Goldenberg, 2002) e com a difusão de modalidades corporais como *Leparkour*, *Breakdance* e, no caso específico da cidade de Salvador, com movimentos da dança ginástica aeróbica também conhecida como “swing baiano” (Moura, 2001). Todas essas modalidades de treino corporal oferecem a fabricação do músculo por meio de uma performance realizada no espaço público da cidade, em atividades realizadas por grupos exclusivamente masculinos.

A virilidade do comedor e seu exibicionismo

Na primeira cena que trarei para esta discussão, na “Academia dos Bróder”, um homem malha e movimenta-se de um lado para o outro, caminhando de sunga e com o

³ Exercícios que envolvem contração muscular sem movimento, com foco na manutenção de uma posição estática.

⁴ A bibliografia consultada converge no fato de que a sistematização pedagógica da calistenia, enquanto ginástica direcionada à criação de força muscular e resistência física, têm sua genealogia nos Estados Unidos, na segunda metade do século XIX, fundamentada na ginástica sueca e alemã, a partir de modificações feitas por pedagogos como Friedrich Ludwing Jahn (1778-1852), fundador do método de ginástica alemã, e Pehr Henrick Ling (1776-1839), fundador do método de ginástica sueca. Quase todo o trabalho produzido a partir desta base possui sua fundamentação no estudo da fisiologia, da anatomia e da mecânica do movimento. Outros aspectos comumente narrados em relação à calistenia e seu processo de metodologização pedagógica dizem respeito aquando esta foi incorporada às instituições de educação feminina, nas quais se ressaltava a importância da educação física e da moral como parte de uma “ciência doméstica” (Morais, 2002, p. 23).

⁵ Segundo Ligia de Morais (2002, p. 15), a tradução mais precisa é “força harmoniosa, que pode ser um termo interpretado como o equilíbrio entre as qualidades físicas, mentais e espirituais”. De maneira mais aprofundada, o termo ainda alude ao equilíbrio das formas estéticas corporais, podendo produzir a beleza física, devido a seus efeitos corretivos e ortopédicos.

corpo besuntado de bronzeador. Tem o corpo definido e os músculos bem-marcados, embora não sejam excessivamente protuberantes. Seus cabelos encaracolados, quase na altura dos ombros, estão presos ou soltos com gel, mantendo o aspecto úmido e brilhoso. Segundo um de seus companheiros de treino, ele tem mais afeição pela conversa do que pela prática física da musculação. Certa vez, esse amigo já afirmara: “Geladinho gosta de vir para malhar a língua”. Geladinho carrega consigo o telefone celular, preso na cintura, por dentro da sunga. Jovem, de 28 anos, demonstra sua afeição pela resenha com os bróder, levantando o sexo e as mulheres como temas principais das conversas. Com exceção da luta de MMA — *Mixed Martial Arts*, em português, Artes Marciais Mistas — e dos “caras do serviço”⁶, nenhum outro assunto o estimula tanto. Contudo, é especialmente a exibição a respeito de performances sexuais que caracteriza as “resenhas” de que Geladinho mais gosta de participar.

Certa feita, foi descrito por um companheiro de treino da seguinte forma: “Ele é lascador! Ali é miserável aquele homem! O maior comedor de buceta da região!”. Sua fama vinha da performance contínua que ele fazia, falando de si mesmo e convidando os amigos para festas de *swing*⁷ ou para casas de prostituição. Ele costumava dizer frases como: “Eu estava bombando com aquela morena que te falei: ela fode muito!” ou “eu meti piroca na casada loira debutante liberal e super funcional!” Nas resenhas, também tinha como hábito promover a interação com os presentes, incluindo alguém no discurso, com provocações tais quais: “Ivan é meu amigo, mas não fode nada!” ou “Marquinhos é donzelo, nunca viu uma aranha-caranguejeira [vagina]: ele tem medo.”

O sexo e o encontro sexual estruturam, na academia de rua, o discurso de homens como Geladinho, tanto no local quanto no grupo de WhatsApp, intitulado “Bróders Malhação”, no qual ele e um grupo de aproximadamente 40 outros frequentadores trocam mensagens, memes, PDFs e vídeos. O consumo de pornografia é fomentado no grupo pelo contínuo envio de vídeos, denominados por Geladinho como “vídeos educativos”: “Acorda, cambada, enviando aqui nossos vídeos educativos. Se sua mulher reclamar, diga que estava vendo vídeos educativos”. Além disso, Geladinho é o principal estimulador do que chama de “festas liberais”, fazendo circular cartazes virtuais de festas nas casas de “garotas sensacionais”, “garotas lindas”, um dos quais pode ser visualizado na figura 1 a seguir:

⁶ Expressão utilizada para se referir aos companheiros de trabalho, colegas com quem se compartilha a rotina laboral.

⁷ Encontros organizados para a prática do swing, forma de troca de parceiros sexuais entre casais.



Figura 1 - Cartaz de convite para "festa liberal".

Muitas narrativas elaboradas sobre práticas sexuais emergem de relatos sobre eventos e experiências vividas em finais de semana, noitadas, dias de praia, festas e encontros sociais variados, incluindo, em alguns casos, situações ocorridas no espaço doméstico. A proximidade dos finais de semana torna-se um momento propício para relembrar ou destacar as possibilidades sexuais associadas a esses períodos. Nas sextas-feiras, os rapazes chegam à academia cumprimentando-se de forma entusiasmada com expressões como: “E aí, malhado! Sextou!”, “sexta-feira, hein! Vamos aumentar a carga para aguentar a metadeira!”, “Sextou! É pica nelas!”, “sexta 13! Hoje é dia de fazer amor, trepar a noite toda.” Trata-se, em certo sentido, de um grupo cujas práticas sexuais e concepções de sexualidade se manifestam por meio de uma retórica de “bravata sexual”, semelhante ao que Miguel Vale de Almeida (1995) identificou no Alentejo, em Portugal, entre trabalhadores braçais. Nesse contexto, a rudeza e a rusticidade do trabalho físico eram transpostas para o comportamento sexual. Aqui, a rudeza e rusticidade vinculam-se ao trabalho corporal de hipertrofia muscular.

Com a iminência do final de semana, o mesmo fato se nota nos grupos de WhatsApp. Lá são compartilhados muitos *cards* e *memes* nos quais é possível ver partes do corpo de mulheres, por vezes peitos ou vaginas sobrepostos aos nomes “sexta-feira” ou vídeos nos quais várias mulheres nuas correm em um campo de futebol com a legenda “está aberta a sexta-feira”. Ocasionalmente, se envia um conjunto de vídeos nos quais aparecem imagens de mulheres com aparelhos de depilação acompanhadas da frase “elas já estão batendo o *gillete* no boxe do banheiro, já preparou a pica?”.

Na aprendizagem dos códigos e regras da “resenha”, como vemos, bate-papo fanfarrão e prazeroso que pode tanto reforçar o senso de camaradagem quanto assumir tons competitivos ou desconcertantes, constroem-se vínculos, redes, comunidades temporárias. Esses vínculos remetem ao que Marcel Mauss (1979) definiu como *joking relationships* ou relações jocosas de parentesco. De modo análogo à caracterização de Mauss (1979) de relações jocosas, as dos bróder, além de incluírem gozações e expressões emocionais específicas, cumprem um papel fundamental diante da obrigatoriedade de

certas relações. Elas não apenas favorecem uma sociabilidade leve e descontraída, mas também exercem, como destaca Mauss (1979, p. 168), “uma verdadeira vigilância moral [de] uns sobre os outros”.

Nessa retórica brincalhona e nas narrativas construídas com base nela, os companheiros de treino expressam as vicissitudes e proezas de ser um “comedor de mulher”. Essa retórica não é mobilizada apenas por Geladinho, mas também pela grande maioria de frequentadores em seus mais diversos grupos e subgrupos. Assim, os membros do coletivo de treinadores de rua apresentam uns aos outros as características centrais do homem que transa muito e atribuem, no interior do grupo, prestígio àquele que melhor encarna em sua performance o papel do “comedor”. Esse homem há de mostrar-se “macho”, o que é central nessas dinâmicas, sendo a exibição de uma heterossexualidade exacerbada um requisito para obter reconhecimento como um “bróder” no ambiente de treino. Nesse contexto, os praticantes constroem, por meio de seus diálogos e de uma elaborada pantomima gestual, um repertório de percepções sobre suas sexualidades. Essas representações estão fundamentadas na ideia de uma sexualidade penetrativa, definida por atributos como intensidade, força, resistência e frequência.

Nas narrativas associadas à figura do “comedor”, descrevem-se interações amorosas ou sexuais com mulheres organizadas em categorias que as hierarquizam: “ficantes”, “namoradas”, “esposas”, “putas”, “piriguetes”. Com raras exceções, como a figura materna e, em alguns casos, a esposa, vistas como tolerantes e amáveis, as demais mulheres são descritas de modo ambivalente. As “mulheres da rua” são representadas ora como descaradas, dissimuladas, atraídas por roupas curtas, danças e exibições corporais, sempre sorridentes e “atiradas”, ora como recatadas, meigas e carinhosas, percebidas como adequadas para o convívio doméstico. Entretanto, mesmo essas últimas carregam, segundo as narrativas, uma propensão à dissimulação e ao engano, o que reforça a ideia de que o homem deve sempre permanecer atento diante de qualquer interação feminina.

Tais aspectos evidenciam como a produção da masculinidade ou da *pessoa masculina* encontra-se quase que inseparável de uma estrutura de relações de gênero, na qual se institui uma desproporcionalidade de poder com o gênero feminino. Aproximar-se dos marombeiros de rua releva como o gênero masculino, tal qual o conhecemos, ao menos de maneira preponderante, corresponde a um conjunto de relações de dominação com o feminino e as feminilidades. Assim, toda masculinidade, animada por formas corporais e pelo ambiente, só é possível articulada a um composto de relações de gênero. Como vemos, no caso que aqui me ocupo, a violência e a solidariedade viril são o marco de expressão dominante dessa concepção de masculinidade, pautado, sobretudo, na disputa pelo poder, na necessidade de aprovação homossocial, no uso da força física, na demonstração agressiva da potência sexual, na dominação das mulheres, na misoginia e na LGBTQfobia (cf. Connell; Messerschmidt, 2005; Vigoya, 2018; Welzer-Lang, 2001; Vale de Almeida 1996; Kimmel, 2016; Gutmann, 2000;).

Os homens, enquanto ouvem as aventuras sexuais uns dos outros, na academia de rua ou nos grupos de WhatsApp, interagem, confirmado a necessidade de afirmar-se por meio do sexo, dizendo “é isso aí mesmo, parceiro! É pica nessas cachorras!!!” Sempre tem

algum, como Geladinho, mais desenvolto e versado, que se representa como experiente e articulado nas trocas sexuais. Não é incomum que, por vezes, alguém pedagogicamente diga a um de seus bróder: “você tem que aprender comigo! Indo em um puteiro, vocês ficam com elas e todas as outras. E sem contar que, mulher, vocês sabem como elas são!”. Exibir proezas sexuais ou assentir e incentivar aqueles que narram suas experiências nesse sentido constitui o espaço de sociabilidade produzido em plena via pública. Demonstrar técnica e habilidade sexual é algo tão valorizado que ser alguém que não comenta suas proezas ou não se sente à vontade com a “resenha” pode se tornar motivo de desconfiança, perseguição ou mesmo acusações de homossexualidade.

Como mencionado anteriormente, embora seja altamente valorizada a narração das aventuras sexuais, poucos de fato encarnam esse papel de maneira perfeita. Quando o fazem, podem ser vistos como excessivamente “boca suja” ou até como “miguezentos” — indivíduos que contam mentiras com aparência de verdades. Há, portanto, um controle interno ao grupo que evidencia um paradoxo: ao mesmo tempo, em que se incentiva uma discursividade marcadamente misógina, que apresenta a libido e o desejo sexual masculino como essencialmente predatórios, também se recrimina esse comportamento quando é percebido como exagerado. Nessas situações, o indivíduo pode ser visto como alguém que fala demais e não demonstra a “postura” esperada ou não é “plantado”.

Geladinho, embora considerado um verdadeiro exemplo de “comedor”, por vezes sofria retaliações de seus companheiros de treino; aos poucos, foi ficando conhecido como “boca suja”, acusado de mais falar do que fazer de fato aquilo que dizia. Faz parte da regra de etiqueta do local discorrer acerca das práticas sexuais ou usá-las como metáfora, mas há um risco de estigma caso o assunto torne-se excessivo, atitude que pode ser compreendida como uma tolice, o que pode ser feminilizante. Como nota Jeferson Bacelar (1991, p. 97), na socialização masculina, “a verbalização sem consistência empírica não alcança o grupo. Dizer o que não fez torna-se objeto de ironia, piadas ou mesmo reprovação direta.” Geladinho foi algumas vezes acusado de não ser “plantado”, de não ser “focado no treino”, ou seja, um homem que é sóbrio, calculista, concentrado em seus objetivos de ganho muscular e calado (outro arquétipo moral de masculinidade igualmente valorizado nesse espaço, sobre a qual falarei a seguir e que sugere em muitos sentidos o extremo oposto do padrão viril apresentado até aqui). Desse modo, embora se fale muito e se cultive performances de masculinidade através do discurso generificado, saber ficar calado e focar no treino também é sinal de masculinidade. É pendulando entre esses dois movimentos que, aos poucos, transformam-se corpos, pessoas, espacialidades e se produzem vínculos, ligações grupais, nexos de sociabilidade.

Shape e sexo

Quando, após uma longa temporada de exposição à dinâmica do treino físico, o jovem, que já foi chamado de “pivete” ou “frango”⁸ desenvolve a musculatura corporal e torna-

⁸ Gíria usada para se referir a homens muito magros ou com pouca massa muscular.

se hábil, na prática da malhação, passa a ser qualificado como estando no *shape* ou *malhado*. A primeira palavra, tomada de empréstimo do inglês, significa, no contexto, corpo em “forma”, mas alude a outros sentidos, como “estar feito”. Na dinâmica da transformação corporal, os praticantes costumam associar estar no “*shape*” com “ser um homem feito” ou um “homem de verdade”. Nesse processo, adquirir músculos implica quase sempre abandonar um corpo anterior, marcado por traços de imaturidade, ao mesmo tempo, em que o corpo que já está no *shape* encena uma performance geracional ou etária. O corpo enrijece, aumenta seu volume e assume a configuração visual da virilidade. Assim, o termo *shape*, utilizado em expressões como “eu estou no *shape*” ou “estou lutando para botar um *shape*”, carrega também um sentido normativo e moral, funcionando como uma meta a ser alcançada. Ter um *shape* significa “ser pinta”, ter o “corpo bonito”, “ter pegada”, “postura”, “força” e “resistência” — atributos valorizados no imaginário local, expressos no discurso e vistos como necessários à prática sexual. Esses elementos dialogam com discursos sobre virilidade e poder, muitas vezes condensados na figura do “comedor”, para quem o corpo no *shape* é tanto uma evidência de sua masculinidade quanto um instrumento de performatividade sexual.

Um interlocutor de 35 anos me disse: “o que a mulher quer é o cara com *pegada*, trabalhando com *força* em cima dela”, para sugerir que sua vontade de aumentar a intensidade do treino estava relacionada com querer “melhorar o *shape*” porque “meter não é para homem fraco não”. Na mesma ocasião, comentou, com seus companheiros de treino, que estava tomando “*tribulus terrestris*” e “maca peruana”, ambos suplementos naturais considerados afrodisíacos e frequentemente associados a benefícios como o aumento da energia, melhora do desempenho e possível incremento na produção de hormônios como a testosterona, considerado elemento fundamental para a fabricação dos músculos.

Na *cultura fitness*, hormônios como testosterona, o hormônio do crescimento (GH) e a insulina são frequentemente utilizados artificialmente para promover o crescimento muscular, tornando-se parte constituinte da produção de pessoa e da identidade dos seus adeptos (cf. Sabino, 2004). Nesse contexto, a testosterona equivale à própria masculinidade, daí a sua importância tanto na sustentação da prática corporal, como no imaginário sexual de virilidade. Conforme aponta Gabriel Salgado de Sá (2023) ao analisar o universo do fisiculturismo, o corpo assume uma posição central na articulação de diversas práticas e tecnologias, sendo que as modificações nele operadas só adquirem sentido pleno quando reconhecidas visualmente, seja por terceiros no espaço público, seja pelo próprio sujeito diante do espelho. Esse investimento corporal envolve também um vocabulário específico, que expressa o anseio por intervenções farmacológicas, com termos como *ciclar*, que alude ao uso programado de esteroides, e *hormonizar*, relacionado à administração de hormônios (Sá, 2023, p.3). Nesse contexto, a testosterona equivale à própria masculinidade, daí a sua importância tanto na sustentação da prática corporal, como no imaginário sexual de virilidade.

A fabricação do corpo musculoso, “shepado” (xeipado), e o exercício da sexualidade estão, portanto imbricados. Além da produção corporal dos músculos associar-se aos

discursos da sexualidade viril, e ser pensada como indispensável à prática sexual satisfatória, ela é vista como motor da autoconfiança, da autoestima e, sobretudo, da preparação do corpo para a exibição no espaço público e para a desinibição indispensável no ato do cortejo e do sexo. Como me contou Marcos Cabeça, de 25 anos, “os caras confiam muito no *shape* para queixar e meter”. Conquistar mulheres e alcançar a relação sexual é fundamentalmente percebido como fruto direto do investimento no corpo, no qual depositam excessiva confiança.

Dada a situação econômica própria dos moradores das periferias urbanas, mesmo sem disporem de um acúmulo significativo de capital econômico — frequentemente valorizado como atributo de masculinidade —, os corpos esteticamente hipertrofiados funcionam como um importante capital erótico. Como afirmou um interlocutor: “Vou chegar lá na praia e vou tirar logo a camisa, aí as meninas pira, mulher gosta de volume.” Para eles, como vemos, estar “no *shape*” é um elemento central de atratividade na arena dos encontros sexuais. Ainda assim, persiste a relevância da aquisição de bens materiais e dinheiro como fundamental na dinâmica das trocas sexuais. Nesse contexto, o trabalho remunerado surge como um marcador de uma sexualidade ativa, frequentemente presente em narrativas sobre sexo, como aquelas resenhas protagonizadas por Geladinho sobre prostitutas ou visitas a casas de massagem, com um caráter, muitas das vezes, quase mitológico.

Na academia de rua, é fundamental o capital corporal derivado do engajamento em práticas físicas e da produção de um corpo musculoso. Esse corpo é exibido ao longo de seu próprio processo de hipertrofia, funcionando como um recurso simbólico que, em muitos momentos, compensa a ausência de capital econômico. Tal ausência é frequentemente tematizada em rodas de conversa ou expressa em músicas de pagode, compartilhadas em grupos de WhatsApp. Nessas canções, o eu lírico, morador da periferia, narra situações em que recebe visitas de “meninas lindas”, “gatas” ou, por vezes, “patricinhas” e “princesinhas” em seu barraco. Essas mulheres o procuram não por *status* econômico, mas porque, segundo a narrativa, ele “transa bem” ou “tem pegada”. Em momentos como esses, torna-se evidente que o corpo musculoso, enquanto indicador de status de masculinidade, é percebido pelos sujeitos como um marcador de bom desempenho sexual e uma forma de superação de certos empecilhos estruturais, como sua origem de classe e sua raça.

Esse protagonismo do corpo na construção da masculinidade periférica está intimamente ligado a processos de ressignificação de poder (Vigoya, 2019). O corpo musculoso, resultado do esforço físico e de uma disciplina moral rigorosa, é elevado à condição de capital simbólico, sobretudo em contextos marcados por precariedade material (Bass, 2015). Nesse cenário, a exibição do físico hipertrofiado não se limita a um exercício de vaidade; ela se torna uma performance pública de virilidade e competência, aspectos fundamentais para a afirmação de masculinidades em espaços onde o capital econômico escasseia. Além disso, o discurso em torno da “pegada” e do “bom desempenho na cama” carrega implicações. Ele posiciona o corpo como um recurso que

não apenas supera as limitações estruturais, mas que também subverte as expectativas associadas a essas limitações, desafiando os marcadores de classe e raça.

A ênfase no corpo e no *shape* é evidente, assim como o papel atribuído à performance, no exercício da virilidade, do pênis, chamado sobretudo de “pica”. Sugere Roberto da Matta (1997, p. 39) que a alusão ao pênis é um dos recursos básicos da pedagogia sexual da socialização do “macho” brasileiro: o pênis é um “ator social a ser permanentemente testado, experimentado e consumido”, sendo, ao mesmo tempo, sinônimo de todo e qualquer “objeto de agressão” que pode ser usado como “metáfora” para o órgão. O pênis tem sido, ao longo da história, comparado a elementos como canhões, marretas, mastros, ferros, pistolas, objetos que inspiram consistência, firmeza, dureza e deixam entrever violência. De fato, o pênis aparece nas resenhas como uma metáfora que concentra, por um lado, as dimensões do poder e da excitação e, por outro, da punição, do castigo.

Para meus interlocutores, o pênis é percebido como uma parte do corpo que também demanda “treinamento” ou “malhação”. Essa atividade se manifesta discursivamente, especialmente por meio de metáforas de cunho sexual. Por exemplo, em determinada situação, dois jovens observavam os pesos (halteres) disponíveis para o treino e competiam em força corporal com base na quantidade de peso que conseguiam levantar. Um deles, ao perceber que a maioria dos pesos era de baixa carga, brincou: “Que peso é esse, Miguel? Com uns pesos desses, até minha chibata [pênis] levanta! Minha chibata tá suspendendo uma gordinha de 86 quilos, seu porra.”

Essa representação da virilidade, por meio da associação entre corpo e potência sexual, revela a importância de performances discursivas no reforço de hierarquias entre os pares. A metáfora do pênis “levantando” tanto os pesos quanto uma mulher (descrita com especificidade de peso para enfatizar a carga) não apenas reforça a centralidade do corpo treinado, mas também inscreve o corpo feminino no discurso como um elemento coadjuvante para a validação da masculinidade alheia. Tais metáforas, dirigidas aos artefatos da incrementação muscular e ao corpo, refletem a interseção entre os ideais de masculinidade e as práticas corporais nesses contextos públicos contemporâneos. Medir força e virilidade exemplifica o discurso, mas também as coisas materiais e a corporalidade são tecidas e performadas em interações cotidianas na academia.

Sobre a exercitação do órgão genital, é comum que seja compartilhado, às vezes em tom jocoso, às vezes em tom prescritivo, técnicas de “malhar” o pênis. No grupo de WhatsApp se compartilham informações do tipo “exercícios simples para melhorar sua ereção” ou “musculação para pênis”. Esse tipo de informação, mais explicitamente “educativa” aparece mais no grupo de WhatsApp, embora durante as “resenhas” se possa também transmiti-la. O uso do verbo “malhar” para descrever atividades associadas ao pênis sublinha uma visão funcionalista do corpo, na qual cada parte deve ser otimizada, fortalecida e sujeita ao controle ativo. Ao comparar o pênis com outros grupos musculares, os homens reforçam a ideia de que a masculinidade, para ser validada, requer tanto desempenho físico quanto sexual. Por exemplo, a frase “malhando a pica nas gostosas”, escutada em certa resenha, evidencia como a sexualidade inscrita no discurso da

sociabilidade em torno do treinamento físico se sustenta em uma relação com o corpo feminino subordinada a uma lógica de autocultivo.

Nas resenhas virtuais desenvolvidas no grupo de WhatsApp, eram compartilhadas e comentadas técnicas de musculação para o pênis. Os tutoriais ensinam, passo-a-passo, maneiras de malhar estimulando os tecidos do corpo do pênis. A principal técnica é desenvolvida no ato da masturbação e consiste em pendurar sobre o pênis ereto uma toalha de banho e mantê-la em suspensão. Em um dos tutoriais, são recomendadas “três séries de 15 repetições”. Aqui, as toalhas de banho evocam a função técnica que os halteres desempenham no cotidiano da musculação. Nos comentários a essas postagens, nota-se que os homens se estimulam com o assunto; afinal, as disposições necessárias à construção do corpo almejado — volume, tamanho, força e resistência — são igualmente indispensáveis ao órgão sexual.

O pênis, portanto, precisa engajar-se em atividades físicas, numa malhação que deve prepará-lo para o ato sexual da penetração. A figura bastante louvada do “garanhão”, encarnada, por exemplo, por Geladinho, tem pleno domínio do seu membro, assim como do seu corpo; essa figura, apresentada com algumas narrativas sexuais pessoais e explícitas, estava impressa na concepção comum a respeito do sexo como uma necessidade natural que pode ser saciada como no ato alimentar, daí o termo “comer mulher”, mas que prevê uma preparação intensa, controlada por parte dos homens heterossexuais. O ato sexual da penetração equipara-se, nesse sentido, à saciedade corporal: para saciá-la, é preciso possuir uma habilidade técnica adquirida por meio de uma ginástica corporal, que malha os peitos e braços, que malha a língua (por meio da resenha), mas que também põe em exercício o pênis.

Como vimos até aqui, uma concepção central à sociabilidade dos marombeiros de rua é a necessidade de falar entre seus bróder sobre sexo, narrar proezas e, sobretudo, exibir-se como homens verdadeiramente viris. Entretanto, ao longo do trabalho de campo, emergiu também outra interpretação e discurso, mais alinhados à temperança e ao comedimento. Nesse discurso, o sexo e a relação com as mulheres são vistos como distrações ou desperdício de tempo, e, em alguns casos, como um dispêndio incompatível com a seriedade e o foco necessários para o treinamento. A seguir, apresento como a vinculação ao treino físico repetitivo e cotidiano — que exige concentração, foco e disciplina — funciona como um contrapeso à noção de virilidade mencionada anteriormente.

Sexo e temperança

O domínio habilidoso para a prática do sexo em si, baseado na penetração, e a representação da mulher como objeto de satisfação, não eram as únicas formas de expressão da sexualidade entre os meus interlocutores. Era também recorrente a ideia de que as mulheres e o sexo em si, e, em alguns casos, a masturbação (e especificamente o ato da ejaculação), poderiam ser impedimentos ou distrativos em relação ao “foco”, “disciplina” e “sacrifício” necessários na rotina e no cotidiano do treino corporal muscular

na busca pela hipertrofia; eram vistos como relações ou atividades dispendiosas e que tornavam o praticante “desanimado”, “frouxo”.

A praça pública de treino físico reúne homens com objetivos diversos em termos de mudança corporal e ganho de músculos: há quem frequente exclusivamente para a sociabilidade jocosa de práticas de lazer e divertimento, mas os seus fiéis e frequentadores regulares são aqueles cujas atividades corporais constituem um “lifestyle”, um estilo de vida marcado por ciclos de “treino focado”, “dietas”, “metas” e “objetivos de sucesso” fundamentados no desejo de se tornarem atletas amadores, quer de *street*, quer de fisiculturismo. São homens jovens que querem mudar o corpo e aprender técnicas de hipertrofia e ginástica calistênica a partir de uma concepção de pessoa moral⁹ que se fabrica por meio do treino físico; de um conjunto de regras que devem ser seguidas, paulatinamente, até a aquisição não apenas do corpo e do músculo, mas de um modo de vida marcado por valores como disciplina, foco e sucesso. Trata-se também de uma demarcação de passagem geracional intimamente vinculada a dinâmicas de gênero: quando os jovens tornam-se adeptos dessas modalidades de treino, ou seja, quando “botam um *shape*”, deixam de ser “meninos”, “mirrados” ou “frangos” e tornam-se “homens feitos” e “malhados”.

É possível afirmar que a amizade que se forma com base no encontro dos marombeiros de rua é profundamente marcada pela ótica do treino físico para hipertrofia. São parceiros de treino ou *bróders* e um dos propósitos centrais da parceria é o incentivo coletivo ao “treino focado”, um tipo de prática que necessita reestruturar diversos aspectos da vida dos sujeitos: seu sono, sua alimentação, o controle do seu desempenho durante o dia a dia na realização das atividades ginásticas e suas congêneres, mas também sua relação com as mulheres, com o sexo. Compartilhar desse pensamento virtuoso e disciplinado ajuda o jovem a tornar-se um bróder de treino, porque, assim, ele começa a fazer parte de um mesmo projeto de si: xeipar.¹⁰

Por meio do treino dos exercícios musculares, em geral, muitos interlocutores, conforme me relataram, transformaram o seu corpo porque “aprenderam na prática” o

⁹ O que designo como moral ou moralidade nesse contexto de pesquisa diz respeito a um conjunto de regras de conduta mais ou menos ajustáveis aos padrões de masculinidade da academia de rua. Essas regras que balizam e criam horizontes comuns entre os sujeitos edificam as práticas do corpo e a sociabilidade. Como focalizo na maneira em que certos valores servem para definir e hierarquizar performances, prefiro a utilização do termo “moral”. Segundo Didier Fassin (2012) em *Towards a critical moral anthropology*, este tem sido o principal uso dado à noção de moral e moralidade na antropologia: normas e valores que governam comportamentos. Contudo, os termos “moral” e “ética” podem se confundir ao longo deste texto, uma vez que o que é aqui denominado “moral” ou “moralidade” é visto como uma agência social, acepção que aponta, segundo Fassin (2012), para uma *antropologia da ética*, a qual se encontra não apenas interessada nas normas que organizam os comportamentos, mas em como elas constituem sujeitos por meio de técnicas de si. Fassin (2012) alude, através destas duas dimensões, ao que Saba Mahmood (2006, p. 154) chamou de “modalidades de ação ético-moral” ou “agência moral”, as quais “contribuem para a construção de diferentes tipos de sujeitos”.

¹⁰ Neologismo, baseado no empréstimo da palavra *shape* (forma) do inglês, que significa ficar muscular e definido.

sentido de conceitos como determinação, foco, disciplina e força de vontade. Em todos os momentos que passamos juntos, ao longo dos treinos, ficava evidente que os homens que viam a si como mais “focados” e “determinados” agiam no intuito de estabelecer um objetivo distante que buscariam conquistar por seus próprios esforços. Agiam no sentido de postergar a gratificação imediata pelos seus atos, resistir tentações de curto prazo, tendo em vista um momento glorioso no futuro em que terá ocorrido a transformação completa do corpo, sua virilização, a masculinização da sua forma (do seu *shape*), mas também a transformação da condição social (por vezes de classe) da pessoa que treina.

Assim, por exemplo, envolver-se focadamente, na prática e no espaço impacta diretamente nos hábitos sexuais dos praticantes, os quais buscam inspiração na vida ‘monástica’ dos fisiculturistas competidores, caracterizada pelos seus rígidos regimes corporais de restrições e rotinas para a atividade física referentes ao sono, a alimentação, o lazer etc. A compreensão comum entre meus interlocutores era que o excesso de prática sexual “rouba a energia do esporte” e que, portanto, em alguns momentos é importante ficar um tempo sem ejacular para aumentar a performance, na prática da musculação. A principal motivação para engajar-se nesse tipo de regime reside na ideia de que não ejacular aumenta a produção de testosterona, hormônio importante, como já foi apontado anteriormente, na incrementação dos músculos. Ouvi repetidas vezes comentários acerca de tais abstinências sexuais, as quais são chamadas de “*nofap*” ou “estar na caverna”, períodos sem sexo ou masturbação como parte da dieta de treino. Esse tipo de dieta sexual é feito sobretudo durante a fase do “*off season*” — uma dieta combinada com ciclos de atividades físicas que tem por objetivo aumentar a quantidade de calorias no corpo que serão posteriormente “queimadas”.

Tais regimes ético-morais já foram notados por Loïc Wacquant (1997, p. 347) em sua etnografia sobre a formação corporal do pugilista, a qual é tributária de uma moralidade esportiva que cria mecanismos de controle da (heterossexual) *libidus sexualis*. Nota esse etnógrafo que, por meio da socialização na academia, “ao aderirem voluntariamente aos mandamentos da ética do sacrifício, os boxeadores se privam do mundo cotidiano e criam um universo moral e sensorial *sui generis*”.

O organismo socializado deve ser compreendido como o lugar e a sede de uma ética prática e encarnada — em contraste com a moral discursiva e de princípios que interessa a filósofos e teóricos da moral —, emergindo de uma ‘conversão em que todo o corpo é mobilizado e trabalhado por meio de transposições tácitas que operam abaixo da vontade’¹¹ (Wacquant, 1997, p.347)

Notemos que, portanto, no espaço de produção social de performances, artefatos e ambientes generificadas como masculinas, a virilidade não é o único imperativo nessa produção: há um regime de controle próprio ao universo esportivo que produz também a experiência com as mulheres e o sexo. Não se trata de um tipo puro “o homem macho

¹¹ Tradução do autor.

viril”, pois, nesse contexto, a temperança e abstinência também produzem corpos masculinos, particularmente no âmbito da tensão entre os próprios valores e ações tradicionais da machoza (Haroche, 2013) e do controle moral próprio do desenvolvimento de habilidades e qualidades corporais e esportivas baseadas em disciplina, regularidade e princípios coletivos (Marchand, 2008; Mahmood, 2019; Wacquant, 2011; Hudd, 2019). A seguir, apresento diálogos nos quais o controle da sexualidade, da relação com as mulheres e do contato com o sexo de modo geral são discutidos.

Na “caverna”: ética performada na prática

Ao longo do trabalho de campo, chamou-me a atenção a frequência com que a prática da masturbação e, em alguns casos, da atividade sexual era mencionada como uma ação que exigia economia ou equilíbrio, devido à crença de que poderia impactar diretamente o desenvolvimento do crescimento muscular. Essas ideias circulavam principalmente de forma oral, nas rodas de conversa que se formavam no centro ou nas laterais da praça, durante as populares “resenhas”. Jovens, como os amigos de Romário e ele mesmo, de 26 anos, demonstravam grande envolvimento com o universo da musculação, interessando-se por dietas, suplementos, exercícios, técnicas e, sobretudo, pelas dimensões corporais estéticas associadas ao estilo de vida *fitness*. Nesse contexto, tornavam-se conhecedores de dicas e segredos práticos voltados à amplificação dos efeitos da atividade física, conhecimentos que eram compartilhados em uma dinâmica de sociabilidade marcada pelo foco na transformação corporal. Entre esses “segredos”, destacava-se a importância do controle, na prática sexual, sobre a qual meus interlocutores desenvolveram verdadeiras teorias. A principal motivação para engajar-se nesse tipo de regime estava na ideia de que não ejacular aumentava a produção de testosterona, hormônio importante na incrementação dos músculos. Tratava-se de uma ética performada, na prática.

Romário, ao referir-se à prática da masturbação em uma resenha na qual participavam vários membros do grupo de marombeiros de rua, chamou de “punheteiro” um praticante ainda neófito e sem músculos e disse o seguinte:

Punheta tem que ir devagar, que atrapalha meu treino, esse negócio desmotiva o cara, o cara fica todo desanimado pra treinar, o cara fica vegetando... Tem muitas coisas que a masturbação prejudica, então segurar aumenta seu nível de testosterona. Os caras aqui já disseram que, quando você treina, seu corpo produz mais testosterona, quando você não joga fora produz mais, então é melhor malhar, sair dessa onda de ficar na bronha (Diário de Campo, Salvador, nov. 2019).

Presenciei repetidas vezes os comentários acerca das tais abstinências sexuais e fui aos poucos compreendendo que eram muito comuns. Junto a estas prescrições quase-morais, que sugerem um vínculo entre esperma, testosterona, força e crescimento muscular, um vasto material sobre o assunto era compartilhado em grupos de *WhatsApp* na forma de vídeos com entrevistas com especialistas do ramo *fitness* desvendo “cientificamente” o caso e a eficácia de tal abstinência, páginas de *Instagram* apresentando métodos de controle e resistência que devem ser incorporados nessa temporada “na caverna”, entre eles, por exemplo, o “banho frio” e o não consumo de pornografia (prática nomeada como “nofap”¹² tanto pelos meus interlocutores, quanto nos fóruns, vídeos e memes compartilhados no *Instagram*).



Figura 2 - Meme compartilhado em grupo de Whatsapp

A imagem exibida acima ilustra um exemplo comum compartilhado em grupos virtuais onde homens se incentivam mutuamente a “ficar na caverna”. Essa expressão está associada à adoção de práticas que priorizam o treino de musculação e o desenvolvimento físico em detrimento da prática sexual, considerada por eles como altamente catabólica (ou seja, prejudicial ao ganho de massa muscular). Nesse contexto, a imagem destaca um treino voltado para o aumento da massa muscular no tórax. O termo *pump* refere-se ao aumento visível e imediato do volume muscular após a realização do exercício. A categoria “ficar na caverna” sintetiza uma espécie de “dieta sexual”, frequentemente associada a outras práticas, como dietas alimentares específicas, ciclos regulares de atividades físicas e até rotinas de sono controladas.

A abstinência sexual, especialmente a da masturbação, é parte de uma rede de outros regimes corporais, como a alimentação regrada, a intensidade dos treinos e o controle do sono. Esses regimes estruturam não apenas práticas, mas também discursos e moralidades que oferecem uma nova interpretação sobre a mulher e o sexo. Nessa perspectiva, o sexo

¹² As controvérsias em torno dessas concepções de economia orgástica e seus desdobramentos podem ser analisadas em Felix Zimmer; Roland Imhoff (2020).

é enquadrado como algo que consome energia e prejudica o desempenho físico, enquanto a figura feminina é frequentemente representada como um potencial “ameaça” à disciplina masculina, sendo desvinculada do desejo e associada à distração ou ao risco de desvio dos objetivos centrados no corpo hipertrofiado.

Em um desses momentos em que a “resenha” se torna uma instituição ineludível, num dia de treino capturei um diálogo entre Romário e outros dois de seus companheiros que permite mostrar claramente como essa dieta sexual, essa temperança, convivia com a virilidade constante que reina nesses espaços públicos de treinamento físico. Ele evidencia como o desejo, a libido e as fantasias sexuais dos frequentadores constituem-se por meio de tensões entre os padrões sociais da masculinidade normativa e a incorporação de economias, regimes e crenças em torno da virilidade:

— Jhon tá na caverna, disse que tá fazendo o desafio dos 30 dias. Ele agora tá focado e disse que mulher tira o foco do cara.

— Mas como? — pergunta Geladinho — Ele tá namorando uma nega¹³ do trabalho dele.

— Ele está seguindo a meta dele irmão — diz Marco —; vai ficar na caverna para regular a testo.

— É cada maluquice! — exclama Geladinho, indignado com aquilo que ouve — Os bróder têm que se juntar — diz buscando sexualizar o ambiente que parecia estranhamente celibatário — e descer todo mundo para uma casa de massagem e comer umas putas... a de Jhon é comigo, eu pago a dele, quero ver se ele vai resistir!

Marco seguia defendendo a escolha de Jhon e incentivando outros presentes a reafirmarem os seus objetivos de colocar um *shape*. Mas Geladinho, ainda inconformado, voltou a dizer:

— O foda é que é homem, pai! Homem não tem isso não! Quando vê a mulher passando, fala assim “aquelalá eu não como não”; mas joga ela na cama dele, só ela e ele, para ver se ele não come.

— Mas aí tá a diferença entre quem tem seus objetivos e quem age sem pensar, atrás de xereca — responde Marco —. Você deve tá dando três [fazendo sexo] e morrendo. Depois que o cara saí da caverna, ele sai muito mais brutal.

— Meu bróder — conclui então Geladinho —, mulher não é leitura não, não é video motivacional de *bodybuilder* que ensina não.

— O cara que treina focado — retruca Marco, em tom de sermão conclusivo — não pode tá transando toda hora. Ou o cara foca no treino ou o cara foca nas mulheres. Depois ele fica sem *shape* e leva um chifre, porque a mulher pegou um cara *sheipado*. (Diário de Campo, Salvador, nov. 2019)

O exemplo exibido acima é um, dentre muitos outros escutados em campo, sobre técnicas de cultivar a disciplina e a ascese constituinte desses tipos de atividade física com objetivo de hipertrofia muscular. Embora o imperativo da virilidade seja o tempero principal de toda resenha levada adiante pelos marombeiros de rua, destaca-se essa ideia formulada sobre o sexo ser dispendioso e as mulheres, por vezes, distrativos em relação a

¹³ Na cidade de Salvador, na Bahia, é comum que, nesse contexto de pesquisa, os homens chamem suas namoradas, ficantes ou pretendentes de 'nega'.

estes objetivos pessoais. Nesse sentido, o fato de iniciar um namoro ou uma relação mais estável é compreendido como afastar-se dos amigos e passar muito tempo em função da mulher. De fato, mais que o exercício sexual ou mesmo a masturbação, é a ejaculação o objeto mais preciso da interdição, pois sua abstinência associa-se ao acúmulo da “testosterona”, substância generificada como masculina e como natureza própria do homem (Rohden, 2001). Essa maneira de conduzir o próprio corpo e representar seus fluidos ecoa em outros contextos etnográficos, como mostra Vale de Almeida (1995) ao sugerir que, entre seus interlocutores, o sêmen era também visto como “capital limitado”, e que disseminá-lo gastando-o em práticas excessivas e “fantasiosas” poderiam conduzi-lo ao desgaste físico.

Essas perspectivas ecoam, ainda, as considerações de Michel Foucault (1984, p. 25) sobre a moral e as práticas de si no “estoicismo tardio” da Antiguidade greco-latina, no qual o corpo é apreciado como manifestação de “virtude, de firmeza de alma e de domínio de si.” Trata-se de um pensamento para o qual o comportamento sexual, as atividades e os prazeres a ele relacionados tornam-se objetos de preocupação moral. Curiosamente, entre as variadas técnicas de si prescritas então por médicos e filósofos — predominantes no período helênico e posteriormente encapsuladas pelo cristianismo — estava o controle do dispêndio sexual. Foucault (1984) nos conta: “Os jovens com uma perda de sêmen carregam em todos os hábitos do corpo a marca da caducidade e da velhice; eles se tornam relaxados, sem força, entorpecidos [...] sem calor, os membros pesados e as pernas dormentes, uma extrema fraqueza.”

Esses engajados fisiculturistas que se exercitam nas ruas da cidade de Salvador, embora aparentem hipersensualidade, virilidade e exibam uma performance sexual dominadora, também articulam discursos sobre a temperança e o controle — elementos que perspectivam concepções tradicionais da virilidade. Por vezes, renunciam a um prazer ou encontram prazer na própria renúncia. Essa moral sexual e virtuosa, performada, na prática, pode, por fim, revelar os tensionamentos que atravessam a experiência dos homens com seus corpos e com o espaço público.

O marombeiro e seu corpo

Pierre Bourdieu (2006), em *O camponês e seu corpo*, formula uma análise que busca revelar a raiz cultural implicada nas altas taxas de celibatários do sexo masculino no interior da vida camponesa na França. Partindo de uma etnografia espontânea dos moradores locais, mostra como “o fato de residir no *bourg* [zona urbanizada] ou nos *hameaux* [campo], bem como as características econômicas, sociais e psicológicas vinculadas a esse fato, pode atuar no mecanismo das trocas matrimoniais” (Bourdieu, 2006, p. 83). O pouco sucesso dos rapazes na conquista, deve-se sobretudo a sua inadequação corporal, excesso de timidez e pouca destreza na aproximação com as mulheres em eventos públicos. Para Bourdieu, o jovem camponês toma consciência de seu corpo “encampezinado” e, nessa tomada de consciência, se apreende como camponês, no sentido pejorativo, ficando

embaraçado em relação ao próprio corpo, desconfortável em situações “nas quais seu corpo é posto em cena”.

O trabalho de Pierre Bourdieu (2006 p. 86) consiste em mostrar que as técnicas corporais, gestos, atitudes, vestuário, conjunto de comportamentos e a aparência física conformam elementos de um sistema que “postula implicitamente” a existência de correlações “entre o jeito de andar, o mau corte da roupa e a falta de jeito na expressão” e a incapacidade do camponês de vincular-se sexualmente às mulheres. O *habitus* corporal do camponês torna-se sinônimo de arcaísmo e o celibato evidencia a crise do campesinato.

Entre os jovens marombeiros de rua de Salvador, a técnica corporal intencionalmente exercida sobre o corpo com vistas ao incremento de músculos constituirá valorosa estratégia de acesso ao mundo das mulheres e à sexualidade ativa. Por meio da prática, adquire-se a capacidade de expressar destreza corporal, adquirir marcadores estéticos e mesmo exibir o corpo como capital valioso nas trocas sexuais e conjugais. A aquisição de um capital corporal *fitness*, notadamente vinculado à sensualidade e ao cosmopolitismo que a prática inspira, além do *status* financeiro, garantirá ao praticante maior sucesso nas suas investidas sexuais. Em oposição ao camponês *bourdieusiano*, o marombeiro toma consciência positivada de seu corpo, incorpora a imagem ativa e dominante sobre si mesmo, e torna-se apto a pôr o “seu corpo em cena” e, em alguns momentos, a exibi-lo.

Como vimos, o exibicionismo do corpo e o exibicionismo em torno das práticas sexuais entre os bróder de treino se constituirá fundamental na sociabilidade do espaço público; tal exibição será parte da constante necessidade de validação homossocial. Michael Kimmel (2016, p. 1382) evidenciou que, nesses contextos, sobretudo no plano discursivo, “as experiências são partilhadas e comparadas, e os conhecimentos, mensurados e avaliados”. Através deste companheirismo formativo e da constante performance, um homem pode ser visto como não efeminado e másculo por outros homens. Através desses vínculos, aprendem técnicas corporais e começam a dominar habilidades importantes para a constituição de relações sociais, especialmente de relações com mulheres.

Andréa Leal e Daniela Knauth (2006), ao investigarem o campo da sexualidade masculina e, mais especificamente, a iniciação sexual de homens jovens, afirmam que, em contraste com as percepções mais comuns a respeito das mulheres no campo da sexualidade, os homens concebem o sexo desde o paradigma da “aquisição de técnicas corporais”, marcado pelo desempenho habilidoso do ato físico, o qual é inspirado por uma pulsão corporal, natural, misteriosa e incontrolável. A acentuação da dimensão física da sexualidade aparece como que construída em contraponto ao sentimento abstrato e amoroso. O sexo torna-se um terreno onde explorar habilidades corporais, medir desempenhos e agilidade física.

Afirmam as autoras que:

O conhecimento dos usos do corpo relaciona-se, com frequência, em seus discursos, a uma ideia de competência para o desempenho. A primeira relação sexual masculina é pensada pelos jovens, simultaneamente, como um momento de aquisição de conhecimento, domínio de uma técnica corporal[...]

sendo a iniciação sexual um momento de aprendizado de uma técnica corporal – quando o jovem aprende uma posição sexual – e dado o peso do exercício da sexualidade para a sua virilidade, aprender ou dominar essa técnica é também aprender a ser homem. (Leal e Knauth, p.1377-1381)

Impera nos estudos da masculinidade viril a concepção de que o campo da sexualidade é um dos principais vetores para compreensão de como o gênero masculino é incorporado através da socialização pelos sujeitos. A sexualidade masculina amparada, na virilidade, é, sobretudo, constituída na afirmação do ato sexual predatório, com intenção reprodutiva ou violenta. Segundo esta concepção, a atividade sexual é, notadamente, o ato penetrativo congrega um grande eixo de articulação na construção da pessoa masculina (Gutmann, 1996; Kimmel, 1998; 2016). A sexualidade masculina viril é vivida em relação oposta ao mundo sentimental, abstrato ou anímico, pensado como feminino. Nele, o sexo permite que o sujeito masculino vislumbre e encene o poder e o controle sobre o corpo da mulher, sobre a sombra do medo de perder o poder e de falhar. Essa é a visão mais estabelecida na interpretação da sexualidade masculina.

Como apresentei ao longo deste texto, essa é uma noção comum compartilhada entre os marombeiros de rua, mas o ingresso deles no próprio campo da prática corporal, assim como a moralidade que constitui o treinamento — a da disciplina, do sacrifício, do autocontrole —, acrescentam um aspecto à performance e à interpretação do que seja ser homem nesse contexto. Loic Wacquant (1997) descreve, em *The Prizefighter's Three Bodies*, como o universo esportivo do pugilismo e a pedagogia do ringue fazem com que os boxeadores profissionais dividam simbólica e fisicamente o corpo segundo a lógica do controle e da disciplina para a luta do ringue e de uma gestão da rotina.

Indica Wacquant (1997) que:

as regras da ética pugilística efetuam uma completa heroicização da vida cotidiana que lhe confere uma luxúria e um vigor que dificilmente teria de outra forma. Ao estipular uma reestruturação drástica do mais banal dos fazeres cotidianos — nutrição, sono e atividade sexual, relações emocionais e transações sociais e familiares —, eles transformam a vida em uma interminável pista de obstáculos através da qual um eu transcendente, moral e masculino pode ser construído (Wacquant, 1997, p. 345).

Dessa maneira, a produção da masculinidade não se dá apenas pela afirmação da virilidade sexual ativa, mas também pela regulação moral da libido, que ora exige a ostentação do desejo e do desempenho, ora impõe o sacrifício e a contenção em nome de um objetivo maior, o que revela, portanto, como a disciplina corporal e a ética do sacrifício estruturam performances generificadas onde a abstinência sexual não apenas reforça a diferenciação entre os sexos, mas também se torna um marcador de excelência profissional e de autocontrole. A experiência dos marombeiros de rua em Salvador indica que o corpo musculoso, além de ser um capital sexual e social, é também uma expressão de disciplina e esforço, redefinindo as relações entre desejo, desempenho e reconhecimento.

Portanto, a relação dos homens com o sexo e com a libido não é apenas um reflexo de um instinto ou de uma pulsão incontrolável, nem exclusivamente reflexo de estruturas sociais ou representações da prática, mas por uma miríade de moralidades específicas que definem quando, como e em que condições o desejo pode ser expresso, relacionando, por vezes, pares de oposição apenas aparentemente contrários. Essas moralidades, sustentadas por discursos, vividas em práticas, em gestos e em situações de sensibilização corporal e comuns nesses contextos, agenciam e generificam corpos, produzem ambiências e mobilizam materialidades. Seja pela abstinência estratégica ou pela exibição em torno do ato sexual, o que se observa é uma ética fundada na constante necessidade de performar e comprovar a masculinidade perante os pares, tornando o controle do corpo, do músculo e do desejo uma dimensão central na produção do encontro no espaço público da cidade.

Referências

- BACELAR, Jeferson. *Gingas e nós: o jogo do lazer na Bahia*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1991.
- BASS, Michiel. The New Indian Male: Muscles, Masculinity and Middle-Classness. In: JACOBSEN, K. A. (Org.) *Routledge Handbook of Contemporary India*. Nova York: Routledge, 2015. p. 444-456.
- BOURDIEU, Pierre. O camponês e seu corpo. *Rev. Sociol. Polit.*, Curitiba, n. 26, p. 83-92, jun. 2006.
- CAMARGO, Wagner Xavier de. Sexualidade e Esporte: contribuições para um diálogo in: CAMARGO, Wagner Xavier de; PISANI, Mariane da Silva; ROJO, Luiz Fernando (org.). *Vinte anos de diálogos: Os esportes na antropologia Brasileira*. ABA publicações e Brazil Publishing. Brasília e Curitiba. 2021
- CONNELL, Raewyn.; MESSERSCHMIDT, James. Hegemonic masculinity: rethinking the concept. *Gender & Society*, v. 19, n. 6, p. 829–859, 2005.
- DAMATTA, Roberto. “Tem pente aí?”: Reflexões sobre a identidade masculina. In: CALDAS, Dario (Org.). *Homens*. São Paulo: SENAC, 1997.
- FASSIN, Didier. Introduction: Towards a critical moral anthropology. In: FASSIN, Didier (Org.). *A companion to moral anthropology*. Oxford: Wiley- Blackwell, 2012. p. 1-18.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: A vontade de saber*. 1ª. ed. São Paulo/SP: Paz e Terra, v. 1, 2014.
- GOLDENBERG, Mirian. *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. 2a. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- GUTMANN, Matthew. O fetiche totêmico da sexualidade masculina: oito erros comuns. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 24, n. 69, p. 5-20, 2009.
- GUTMANN, Matthew. *Ser hombre de verdad en la ciudad de México: ni macho ni mandilón*. Cidade do México: El Colegio de México, 2000.
- HAROCHE, Claudine. 2013. Antropologias da Virilidade: O Medo da Impotência. In: Alan Corbin, Jean Jacques Courtine & Georges Vigarello (Org). *História da Virilidade*. Petrópolis-RJ: Vozes: 15-34.

- HUDD, Suzanne. *The Athlete's Covenant: The Moral Transformation of Team Players*. Lanham: Lexington Book, 2019
- KIMMEL, Michael. Masculinidade como homofobia: medo, vergonha e silêncio na construção de identidade de gênero. *Revista Equatorial*, v. 3, n. 4, 2016.
- LEAL, Andréa Fachel; KNAUTH, Daniela Riva. A relação sexual como uma técnica corporal: representações masculinas dos relacionamentos afetivo-sexuais. *Caderno Saúde Pública* 22 (7). Jul 2006.
- LIPSET, David. O que faz um homem? Relendo Naven e The Gender of the Gift. *Cadernos Pagu*, São Paulo, n. 33, dez. 2009.
- MAHMOOD, Saba. Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egípto. *Etnográfica*, v. 10, n. 1, p. 121-158, 2006.
- MARCHAND, Trevor H. J. Muscles, morals, and mind: craft apprenticeship and the formation of person. *British Journal of Educational Studies*, v. 56, n. 3, p. 245-271, 2008.
- MAUSS, Marcel. Relações jocosas de parentesco. In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. (Org.) *Marcel Mauss: Antropologia*. São Paulo: Ática, 1979.
- MORAIS, Ligia de. *Beleza e vigor do corpo: breve história da calistenia*. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade de Campinas, Campinas, 2002.
- MOREIRA, Lucas Maroto. *Brodagem, moral e músculo: a malhação de rua em Salvador*. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.
- MOURA, Milton Araújo. *Carnaval e Baianidade: arestas e curvas na coreografia de identidades do carnaval de Salvador*. 364 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.
- QUITZAU, Evelise Amgarten. A ginástica alemã: aspectos da obra de Friedrich Ludwig Jahn. *Revista Brasileira de Ciência e Esporte*, Florianópolis, v. 36, n. 2, p. S501-S514, abr./jun. 2014.
- ROHDEN, Fabíola. O homem é mesmo a sua testosterona: promoção da andropausa e representações sobre sexualidade e envelhecimento no cenário brasileiro. *Horizontes Antropológicos*, 17 (35), Jun 2011.
- SA, Gabriel Salgado Ribeiro de. Broscience: Uma análise sobre o consumo de medicamentos entre fisiculturistas. *Ilha Revista de Antropologia*, v. 25, n. 1, p. 178–198, 2023.
- SABINO, Cesar. *O peso da forma: cotidiano e uso de drogas entre fisiculturistas*. 366 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- SANTOS, Antônia; GOMES, William *et al.* Calistenia: uma revisão. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 10, out. 2020.
- SASSATELLI, Roberta. *Fitness Culture: Gyms and the Commercialization of Discipline and Fun*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2010

SOUZA, Rolf R. de. *A confraria da esquina*: o que os homens de verdade falam em torno de uma carne queimando; etnografia de um churrasco de esquina no subúrbio carioca. Rio de Janeiro: Bruxedo, 2003.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. *Senhores de si*: uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim de Século, 1995.

VIVEROS VIGOYA, Mara. *As cores da masculinidade*: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

WACQUANT, Loïc. Putas, escravos e garanhões: linguagens de exploração e de acomodação entre boxeadores profissionais. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 127-146, out. 2000.

WACQUANT, Loïc. The Prizefighter's Three Bodies. *Ethnos*, v. 63, n. 3, p. 325-352, nov. 1997.

WACQUANT, Loïc. Habitus as Topic and Tool: Reflections on Becoming a Prizefighter. *Qualitative Research in Psychology*, v. 8, n. 1, p. 81-92, 2011.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista de Estudos Feministas*, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001

ZIMMER Felix; IMHOFF, Roland. Abstinence from Masturbation and Hypersexuality. *Arch Sex Behav*. 49(4), p. 1333-1343, 2020.

Financiamento

FAPESB – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia

Recebido em 31 de janeiro de 2025.

Aceito em 29 de abril de 2025.